



Mário Filho e seu livro “O Negro no Foot-Ball Brasileiro”: a construção de uma narrativa em prol da harmonia racial

Mário Filho and his book “O Negro no Foot-Ball Brasileiro”: the construction of a narrative for racial harmony

Maycon Emílio Vicente Alves¹

RESUMO

O seguinte artigo consiste em uma tentativa de investigar a concepção do jornalista Mário Filho sobre as relações raciais no Brasil, a partir de seu livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Para tal, investigarei questões relativas à sua vida e trajetória profissional, evidenciando sua construção narrativa, juntamente com o discurso utilizado por ele, além de análises sobre suas influências e seus círculos de sociabilidade. Ao longo do texto, mostro como o futebol, no Brasil, não é uma prática social isolada, e como está imersa em uma sociedade atravessada por tensões raciais. Nesse sentido, parece não ser possível que o futebol seja uma ilha rodeada por ambientes e experiências racistas e que somente este esteja livre de tais experiências. Assim, demonstro, a partir da narrativa do autor citado, como o futebol é sim um ambiente racializado e cheio de tensões desta natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Brasilidade – Identidade Nacional - Futebol

ABSTRACT

The following article is an attempt to investigate the journalist Mário Filho's conception of racial relations in Brazil, based on his book *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. To this end, I will investigate issues related to his life and professional trajectory, highlighting his narrative construction, along with the discourse used by him, as well as analysis of his influences and his circles of sociability. Throughout the text, I show how football, in Brazil, is not an isolated social practice, and how it is immersed in a society crossed by racial tensions. In this sense, it does not seem possible that football is an island surrounded by racist environments and experiences and that only it is free from such experiences. Thus, I demonstrate, from the narrative of the cited author, how football is indeed a racialized environment and full of tensions of this nature.

KEYWORDS

Brasilidade – *National Identity* – *Soccer*

INTRODUÇÃO

O estudo das relações raciais a partir do futebol – tema deste trabalho – se mostra ainda muito importante, uma vez que, nos últimos anos tem crescido o número de denuncia de racismo no meio esportivo. Segundo reportagem do site Globo Esporte, há duas temporadas, no ano de 2019 registrou recorde de casos de racismo no futebol brasileiro: “de acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, houve um crescimento de 27,2% em relação a 2018, registrando 56 ocorrências de injúria racial em

¹ E-mail: maycon.alves@aluno.ufop.edu.br



2019”.² O futebol brasileiro é um espaço fortemente racializado, o qual, historicamente, lidou com o racismo, em alguns momentos negando, e em outros evidenciando e combatendo. Indispensável dizer que o esporte, sobretudo o futebol, não são os únicos espaços com presença de racismo, uma vez que este se mostra presente nos diversos espaços da experiência social.

Esse artigo é fruto da escrita de minha dissertação defendida em março de 2021, pelo Programa de pós graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto. O texto que aqui se apresenta tem objetivo de investigar, de forma mais profunda, a narrativa criada por Mário Filho no livro “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. busco destacar como a ideia de harmonia racial e brasilidade se relacionam e foi desenvolvida tendo o futebol e os jogadores negros como elementos fundamentais nessas narrativas.

A escolha de analisar Mário Filho se dá pelo fato de sua obra influenciar o ambiente que envolve o futebol. Será mostrado ao longo do texto como o jornalista teve uma trajetória de influência que ecoa até a atualidade. Nesse sentido, voltar ao texto de Filho se mostrou apropriado. Outra razão é que os discursos criados pelo jornalista a respeito da brasilidade funcionam como uma “porta de entrada” para acessarmos o contexto dos anos em que o autor produz sua obra, a década de 1940.

QUEM FOI MÁRIO FILHO?

Mário Rodrigues Filho nasceu na capital pernambucana, em uma família de classe média alta, aos 3 de junho de 1908. Mário Filho como ficou conhecido, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança, em 1916. Uma década após a chegada na então capital do país, ao lado de seu pai Mário Rodrigues, iniciou sua carreira jornalística em um periódico de propriedade de sua família, chamado “A Manhã”. A estreia da sua carreira ocorreu como repórter esportivo, ramo jornalístico que ainda dava os primeiros passos no Brasil.

Muito animado com o recém esporte bretão, o jovem repórter se dedicou a cobrir partidas de futebol. O modo como escrevia as reportagens contribui para o avanço desse esporte na cidade do Rio de Janeiro. José Sergio Leite Lopes escreveu:

Mário Filho e sua prática na imprensa esportiva dos anos de 30 consegue contribuir para inverter o perigo de enfraquecimento do futebol, transformando-o em espetáculo para o grande público: suas campanhas, seus concursos e conceitos encontram grande receptividade. (1994, p. 77)

² Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/temporada-de-2019-registra-recorde-de-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro.ghtml>>. Acesso em 28 de jun. de 2022.



Pode-se dizer que as matérias e reportagens de Mário Filho contribuíram com a popularização do futebol. O jornalista utilizava um vocabulário popular, um modo de expressar mais próximo daqueles que estavam nas arquibancadas, utilizando cada vez menos as palavras que eram pronunciadas em inglês. Modificou, desse modo, a linguagem que envolvia o futebol.

Outra inovação realizada por Mário Filho, que pode ser considerada um avanço da imprensa esportiva, foi a utilização de mais imagens, inclusive do momento das partidas e dos eventos esportivos. O Jornal dos Sports, sob direção de Mário Filho, foi pioneiro ao utilizar menos fotografias formais – fotos tradicionais com os jogadores engratados – e ao adotar mais fotos dinâmicas – aquelas tiradas em ação nos campos.

Mário Filho acabou com as tradicionais fotos dos jogadores de gravata e paletó, substituindo-as por fotografias deles em ação nos campos, com o uniforme do clube, geralmente em closes ampliados. As matérias assim ilustradas, com textos de eventos interessantes e grandes manchetes, transformaram o futebol em algo que ajudava a vender jornal. (MEINICKE, 2011, P.7)



Figura 01: O Bangú Receberá Amanhã a Visita do São Christovão

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro: 02/01/1938, p. 2. 1 foto dinâmica, preto e branco.



Em 1931, Mário Filho deixa o periódico pertencente a sua família, e, com a crescente fama no ciclo jornalístico local, assume a redação da área esportiva do jornal “O Globo”, de propriedade de Roberto Marinho. Neste novo trabalho, o jornalista começa a publicar suas primeiras colunas que serviram de base para, mais tarde, serem transformadas em seus livros sobre futebol. Entre os anos de 1941 e 1947, Filho escreveu no periódico de Roberto Marinho a coluna chamada “Da primeira fila”. A coluna era composta por crônicas que, posteriormente, foram transformadas em um de seus principais livros: *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. A ligação profissional com jornal O Globo durou até o ano de 1952, quando deixou a direção do Globo esportivo – setor daquele jornal, e se manteve apenas na direção do Jornal dos Esportes.

Além da atividade profissional nos periódicos, Mário Filho atuou no campo literário, publicando onze livros ao longo de sua carreira, a saber: 6 com temática sobre futebol – Copa Rio Branco (1943), Histórias do Flamengo (1945), O Negro no Futebol Brasileiro (1947), Romance do Football (1949), Copa do Mundo de 62 (1962), Viagem em Torno de Pelé (1964) – e 5 com caráter de romance – Bonecas (1927), Senhorita 1950 (1928), O Rosto (1965), Infância de Portinari (1966), Sapo de Arubinha (Crônicas reunidas) (1994). Em uma entrevista ao jornal O Globo, disse: “O jornal jamais prejudicou minha vida literária. Sempre tive a preocupação de transportar para o jornal o que viria a ser a crônica, o conto e o romance”.³ Por meio de suas obras, Filho tenta construir a história do futebol carioca, mesmo que em alguns momentos o autor afirme que escreve a história do futebol em uma perspectiva nacional.

Um dos momentos singulares na vida de Mário Filho é quando ele faz um empreendimento de compra do Jornal dos Sports⁴, em 1936, e passa a trabalhar tanto no JS quanto no O Globo, até 1952. O JS já existia, foi fundado em março de 1931 pelos parceiros Argemiro Bulcão – jornalista que já dirigia o Rio Sportivo – jornal com duas publicações por semana – e Ozeás Mota – empresário do setor gráfico. (COUTO, 2017, p. 2). Antes de Mário Filho assumir o JS, o *design* do jornal era padrão e impresso em preto e branco; assim que aquele o assume, passa a ser impresso em papel rosado, que passou a ser uma das marcas do jornal: inspirado no francês *L’Auto*. (HOLLANDA, 2012, p. 86)

³ O GLOBO. Memória. Mario Filho. Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/mario-filho-1-12047153>>. Acessado em: 20 de dez. de 2020.

⁴ Abreviaremos a seguir Jornal dos Sports por JS.



Uma das características do JS foi a utilização de um “discurso em prol da disciplina, da harmonia e da educação, moldando uma representação de homem moderno”. (COUTO. 2017, p. 6) Cabe ressaltar que o jornal está inserido no contexto varguista, o qual favorecia a difusão de ideias que valorizavam a disciplina como forma de pedagogia para formar a nação brasileira, assim como uma visão racialmente harmônica. Outro ponto significativo que aparece nos escritos de Mário Filho é a noção de brasilidade. Ideia que será desenvolvida ao longo do artigo.

Essa perspectiva não era atribuída exclusivamente aos atletas, visto que, em alguma medida, o jornal e seu livro tinha intenção de representar não apenas os atletas, mas toda sociedade. É plausível notar o tom instrutivo da conjuntura política e social que vivia o Brasil, nas formas de representação feitas pelo jornal, e é possível perceber esse ‘tom’ na matéria escrita por José Lins do Rego com título “Festas para os Atletas”:

Devemos receber com as festas que merecem os bravos campeões de Montevideu. Devemos homenageá-los como verdadeiros heróis, estes jovens que longe da pátria, sem o calor familiar dos aplausos de sua gente, souberam ganhar para os esportes brasileiros o título máximo do Continente Sul. As massas no Brasil só se agitam, em campanhas esportivas, pelas vitórias do football. Como povo estou também sujeito aos mesmos entusiasmos. No entanto, um Bento de Assis representa, com suas vitórias espetaculares, uma conquista radical para a raça que se forjou aqui nos trópicos. É um tipo perfeito de atleta brasileiro. É um homem de cor que põe por terra todas as bravatas do racismo. É uma glória do seu povo, uma expressão de valor físico e moral que assinala um triunfo contra preconceitos de mestres de sociologia apressada. Eu não teria dúvida de exibir um Bento de Assis às conclusões arianistas do mestre Oliveira Viana. O atletismo, no mundo, tem, mais de uma vez, destruído as arrogâncias de teorias arrogantes. (Jornal dos Sports. Festas para os Atletas, p. 3, 27 de abr. de 1945.)

O jornalista se tornou um dos nomes mais importantes da imprensa futebolística na cidade do Rio de Janeiro. O maior estádio de futebol construído na época, o estádio do Maracanã, foi batizado com seu nome: Mário Filho. Sua fama se deu principalmente pela posição que assumiu com sucesso de seu jornal. Filho esteve à frente do JS até o fim de sua vida, em 1966. É importante destacar que, para compreender Mário Filho, é preciso ir além, e perceber as influências políticas que ele teve dentro e fora do ambiente esportivo. Tais influências permitiram ao jornalista acessar grupos que o transformaram em destaque e fizeram com que se tornasse um dos ícones ao falar de esporte no Brasil nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Mário era irmão de Nelson Rodrigues – escritor, cronista, romancista, consagrado por sua produção teatral – o que o possibilitava circular em grupos seletos da elite carioca em meados do século XX.



Mário Filho era cunhado do ex-presidente do Flamengo, Bastos Padilha, e tinha amizade com Arnaldo Guinle, um dos dirigentes do Fluminense. Essas são duas dentre várias amizades que o jornalista mantinha no meio esportivo. Tais proximidades faziam com que ele tivesse acesso aos jogadores e dirigentes dos principais clubes do Rio de Janeiro. De acordo com Ruy Castro, na biografia feita sobre Nelson Rodrigues,

Mário Filho tornara-se uma celebridade nos meios esportivos. Era tão famoso quanto os atletas. Podia ser visto à beira dos gramados, das quadras, dos ringues, das pistas e das piscinas, perguntando e anotando tudo. Frequentava também os bares e cafés favoritos de cada time: o Flamengo no ‘Rio Branco’, o Vasco no ‘Capela’, o América, no ‘Mourisco’. Até que começou a marcar suas entrevistas no ‘Nice’, na Galeria Cruzeiro, apenas porque ficava ao lado de ‘O Globo’. (CASTRO, 1992, p. 131)

Além de boa circulação nos meios esportivos e jornalísticos, essa interação fez com que Mário Filho fosse inserido também no campo político, intelectual e literário. Índícios sobre a circulação do dono do Jornal de Sports no meio intelectual da época podem ser observados por meio da presença de diversos literatos e cronistas na composição da equipe daquele jornal, todos seus empregados. No rol de nomes que compunham a redação do periódico esportivo carioca de propriedade de Filho, estavam, dentre outros, José Lins do Rego, João Lyra Neto e Manuel do Nascimento Vargas Neto, todos com notória participação intelectual e política no contexto dos anos 1930 e 1940.

Uma atividade de Mário Filho de grande relevância para a compilação de informações que lhe trariam conteúdo para a escrita de seu livro foi o “café com os entrevistados”. Essa ação fez com que sua rede de relacionamentos se tornasse ainda maior. O cafezinho no Café Nice foi uma série de entrevistas com jogadores, torcedores, jornalistas e tantas outras celebridades. Mário Filho também frequentava outros espaços que o proporcionavam contato com diversos jornalistas, intelectuais, literatos e políticos do período. Lugares como a Confeitaria Colombo e a Livraria José Olímpio estão entre os principais locais visitados por ele. Mário Filho ainda frequentava os bares prediletos dos torcedores de cada um dos times do Rio de Janeiro. (HAAG. 2014, p.4) Gomes (1993), chama atenção para a importância de determinados locais, tais como os cafés, para a construção de um campo de produção cultural:

Salões, cafés, Casas, editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a Correspondência de intelectuais são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias (1993, p. 65)



O entendimento de que Mário Filho fazia parte da composição desses espaços torna possível perceber que em sua obra há a “colaboração” de diversas pessoas, o que o autor francês Pierre Bourdieu entende como sistema de referências comuns.⁵

O LIVRO O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO

A primeira edição do livro foi publicada em 1947, tem capa amarelada, com o título do livro escrito em caixa alta na cor avermelhada. Abaixo dos escritos há a imagem de um rosto, uma bola de futebol e as balizas de uma trave. Na parte superior da capa há o nome do autor e, em destaque, a informação de “prefácio de Gilberto Freyre”, e, na parte inferior, o nome da editora Pongetii.

O livro *NFB* foi publicado com a seguinte composição: dois textos introdutórios – ‘Nota ao Leitor’, escrita por Mário Filho, e o ‘Prefácio à 1ª edição’, de Gilberto Freyre –; quatro capítulos, a saber: Raízes do Saudosismo, O Campo e a Pelada, A Revolta do Preto e, por último, A Ascensão Social do Negro. São nessas quatro partes que o autor constrói uma narrativa de que o futebol vai se tornando brasileiro à medida que os jogadores negros começam a integrar o esporte. Auxiliado pelo paratexto de Freyre, Filho argumenta que o futebol, em sua origem no Brasil é um fenômeno branco – estrangeiro – e que aos poucos torna-se mestiço, portanto, brasileiro.

Existem algumas contradições acerca da publicação do livro. O número de exemplares publicados é uma delas, pois permite múltiplas interpretações, como a de Antônio Jorge Soares (1998) e a de Fernanda Haag (2014). Ambos constroem sua argumentação pautados na tiragem apresentada no livro: 100 exemplares a serem comercializadas e 20 para fora do comércio. Segue a descrição feita por Soares: “A obra tem 295 [páginas] e, segundo consta no próprio livro, imprimiram-se 100 exemplares no formato 25x20, em Papel Holanda, numerados de 1 a 100 [...] e 20 exemplares numerados de I a XX, fora de comércio” (SOARES. 1998, p. 16). Haag caminha na mesma direção e acrescenta: “tiragem bem pequena para a época, mesmo que não fosse o período de ‘boom’ editorial da década de 30, o mercado possibilitava tiragens bem maiores. (HAAG. 2014, p. 7)

⁵ Para saber mais sobre sistema de referências comuns, ver: BOURDIEU, P. Por uma ciência das obras. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.



O entendimento de ambos sobre o livro parte de uma tiragem reduzida, e de outros elementos analisados. Um dos indícios apontados é a dedicatória para alguns intelectuais e acadêmicos encontrada nos materiais examinados. Essas inscrições fizeram os pesquisadores entenderem que a intenção de Mário Filho, ao realizar a publicação, era que esta circulasse em ambientes selecionados, principalmente no meio intelectual.

Haag (2014) aponta que o livro foi endereçado a um determinado público, circunscrito aos intelectuais que conviviam com Mário Filho, sugerindo que o jornalista almejava a aprovação de tal grupo. Para isso, a autora apoia seu argumento nos seguintes pontos: o livro acessado por ela tinha uma dedicatória a Pedro Calmon, professor e membro da Academia Brasileira de Letras desde 1939, transeunte do meio acadêmico; o convite de Mário Filho a Gilberto Freyre para escrever o prefácio de seu livro; e, por fim, as críticas que o livro recebeu de importantes intelectuais. (HAAG. 2014, p. 8.)

Uma visão diferente a respeito da intenção de Mário Filho ao publicar o livro *NFB* aparece em Tonet (2019). O autor se propõe a fazer uma reinterpretação ao apresentar que, na verdade, foi produzida simultaneamente das edições do livro. Uma edição conhecida por 'Edição de Luxo', com o valor à época de Cr\$200,00, e uma outra 'Edição comum' ou 'popular', com o custo de Cr\$30,00. Para chegar a esta conclusão, foram pesquisadas edições do *Jornal dos Sports* posteriores à publicação do livro, e foram consultados os jornais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional dos anos de 1947 a 1949. Dessa forma, o autor aponta que a edição popular foi feita sem numeração e endereçada ao público em geral. (TONET. 2019)

Sendo assim, tudo indica que Mário Filho não se desviou ao desejo de atingir as massas com seu livro predileto, como fazia no jornal. O livro possuía duas tipologias, preços distintos, várias formas de acesso e possibilidades de compra. (TONET. 2019)

Apesar de não haver meios para mensurar a circulação do livro na edição comum, é possível perceber as facilidades de se chegar ao livro, além do preço, que o coloca muitas vezes mais acessível do que a edição de luxo. Parece-me oportuno apresentar que o valor do salário mínimo no ano de 1947 era de Cr\$ 380,00. (PAIM. 2005)

A distribuição do livro era exclusividade da livraria Civilização Brasileira. Assim, quem quisesse comprar um exemplar, poderia ir à livraria ou à redação do *Jornal dos Sports*. Outra maneira de comprar o livro era via serviço postal, em que se enviava o



pedido para o jornal a partir de um *voucher* disponível nas páginas do JS. Essa opção aponta para a ampliação da possibilidade de se adquirir o livro de Mário Filho.



Figura 02: Anúncio de Voucher do livro “O Negro no Foo-ball Brasileiro”.

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro: 21/03/1947, p. 3. 1 foto, preto e branco. Apud TONET.

Particularmente, me aproximo da interpretação de Tonet a respeito das intenções de Mário Filho. Entendo que o escritor e jornalista tinha pretensões de ter seu texto aprovado pelo grupo de acadêmicos e intelectuais. Um indício para essa assertiva é identificado na inscrição, com letras em caixa alta na capa informando que a obra traz “Prefácio de GILBERTO FREYRE”. Ter a chancela de um dos principais pensadores da época seria como uma porta de entrada para o mundo dos acadêmicos. Não é descabido, inclusive, dizer que Filho tinha pretensões de ser lido como um dos intelectuais. Ora, no texto de ‘Nota ao Leitor’, na primeira edição do livro, está escrito: “Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações exaustivas”. (FILHO, 1947) Ao dizer sobre o cuidado que teve em



verificar seus dados e fontes o autor se coloca nesse lugar ocupado pelos historiadores, o qual pode ser lido, também, como intelectuais.⁶

Ao mesmo tempo em que é possível dizer que Mário Filho pretendia a aprovação dos intelectuais e, em alguma medida, quis compor esse grupo, o contrário a isso também é pertinente. O argumento de que o texto foi escrito em uma linguagem bastante comum, um vocabulário bem próximo da língua falada, faz com que seu livro seja direcionado ao público geral. Somado a isso, tem a questão do acesso ao livro, que primeiro se deu pelo jornal, uma vez que já havia sido publicado no jornal O Globo, e depois pela edição popular.

Mensurar o alcance imediato do livro não é realizável, mas, apesar disso, o impacto do discurso criado em seu livro é verificado até a atualidade. A influência de Mário Filho naqueles que escrevem e estudam futebol é bastante evidente e pode ser notada sem grandes esforços.⁷

Ao escolher o futebol para acessar o debate racial entre os anos 1938 e 1951, é necessário avançar na explicação da escolha da fonte deste trabalho, a razão pela seleção do livro de Mário Filho para auxiliar nesse debate. O autor apropria-se de um discurso que já vinha sendo desenvolvido por Gilberto Freyre desde suas primeiras falas sobre o futebol.

Mário Filho, em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, desenvolve uma narrativa de que o futebol brasileiro é uma singularidade, e que este esporte foi desenvolvido desta maneira a partir das características do povo brasileiro, miscigenado e, principalmente, influenciado por traços da cultura africana. Dessa forma, a concepção de uma identidade nacional forjada pelo futebol seria um evento inédito e somente brasileiro, pois fora criado pelo “futebol mulato”, traço de nossa cultura e brasilidade. A esse respeito,

Suas ideias de miscigenação são claramente influenciadas pelo intelectual Gilberto Freyre que também defenderia o estilo brasileiro de jogar, as virtudes do mulatismo, a técnica coreográfica do negro ao driblar, ao passar, ao inventar, em oposição ao estilo anguloso do europeu. Não por acaso, Freyre vai prefaciá-lo a primeira edição deste livro de Mário Filho, dando, desta forma, seu aval científico e acadêmico à obra do jornalista/cronista. Aqui temos uma

⁶ A palavra intelectual está sendo usada para caracterizar aquele sujeito(a) que se ocupava, geralmente, com algum trabalho acadêmico ou tinha como suas tarefas escrever. Reconheço que este uso não é o mais apropriado, mas está no texto para melhor compreensão do contexto. Uma boa definição de intelectual está no texto seguinte, ver: SAID, Edward W. Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993, 2005.

⁷ Para verificar a influência do autor com maior detalhe, ver ALVES, Maycon E. V. Entre os Campos e os Escritos: Discurso e representação a cerca da brasilidade no futebol brasileiro. Dissertação (Mestrado), Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.



clara e direta relação intelectual de Mário Filho com toda uma discussão daquele momento, levantada por Gilberto Freyre, sobre a miscigenação e, sobretudo, sobre a identidade racial do povo brasileiro. “O Negro no Futebol Brasileiro” é uma verdadeira ode aos feitos de jogadores mulatos e negros e uma crítica feroz às injustiças esportivas que alguns destes jogadores sofreram em momentos cruciais de suas vidas. (COUTO. 2011, p. 103.)

Por isso o destaque dado ao pensamento de Gilberto Freyre sobre o futebol e sua influência na geração daqueles que estavam elaborando uma nova interpretação do Brasil. De acordo com Soares Apud Skidmore, Freyre

tornou-se o autor de não-ficção mais lido no Brasil porque foi capaz de tomar uma das questões que mais preocupavam a elite brasileira – se a supremacia branca nos Estados Unidos indicava o caminho único para o desenvolvimento nacional – e virá-la de ponta-cabeça. (SOARES. 1994, p.42)

A publicação de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, em 1933 aborda a temática da miscigenação enquanto uma das marcas da brasilidade, o que coloca o sociólogo pernambucano em posição de destaque entre aqueles que tinham a ocupação de construir uma nova imagem para o Brasil. Em oposição, estão nomes como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Viana, autores que não estiveram preocupados em criticar o regime colonial, mas sim em atribuir à miscigenação o empecilho para o desenvolvimento do Brasil. (MUNANGA, 2019) Freyre vê na miscigenação as razões para a construção de uma população mais forte, em oposição às teorias eugênicas e higienistas. Assim, o futebol se apresenta, aos olhos de Freyre, como prova de que essa sociedade miscigenada era a verdadeira face do Brasil, que enfim havia se acertado.

A narrativa do livro apresenta o futebol como tendo origem, no Brasil, na alta sociedade, e posteriormente “caindo nas graças” do povo e se espalhando pela cidade, passando então a fazer parte dos hábitos das pessoas da periferia, da população pobre e negra. A partir de sua propagação, o domínio da elite sobre a prática esportiva, do mesmo modo que seus padrões, passa por um momento de enfraquecimento. Visando barrar a participação de novos grupos e setores populares no futebol, a classe que ainda domina as normas das competições reage de modo coordenado para coibir seu crescimento.

Ainda assim, o grupo que almejava conservar o futebol limitado apenas à elite branca é desapontado, quando enxerga que essa não era mais uma possibilidade. O desenvolvimento crescente rumo a popularização da prática do futebol, com ingresso de pessoas pobres e, especialmente, com a inserção de jogadores negros que se tornaram indispensáveis para conquista e boas atuações das equipes, já era uma realidade. Por fim, Mário Filho conclui o livro sugerindo que o futebol havia superado o racismo, ao dizer



“porque em *foot-ball* não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo” (FILHO, Mario. 1947, p. 293) e reforça “um preto marca um *goal*, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O *goal* é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco” (RODRIGUES FILHO, Mario. 1947, p. 293).

A narrativa do livro está organizada de forma cronológica, apresentando alguns eventos e acontecimentos desde a chegada do futebol até sua popularização. Essa forma de expor sua narrativa não aparece no texto de forma despretensiosa. Como uma das teses de Filho é atribuir ao futebol a democratização e a vitória frente ao racismo, é mostrado como a noção de progresso está implícita e é um aspecto fundamental de seu texto.

Quando o jornalista estava escrevendo *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, deixa claro que ele pode “estudar separadamente várias épocas do *foot-ball* brasileiro, ou, melhor do *foot-ball* carioca, cuja história não deve diferir, em essência, de nenhuma outra dos grandes centros esportivos do Brasil”. (FILHO. 1947, s/p) A pretensão do autor de fazer uma história nacional do futebol a partir de histórias que pertencem apenas ao Rio de Janeiro evidencia que o livro tem ambições que não podem se realizar, a não ser que Filho apague todas as singularidades sociais e culturais de cada parte do país. A cidade do Rio de Janeiro, o estado do Rio de Janeiro, a região Sudeste não são o Brasil como um todo e, portanto, não têm condições de representar o Brasil em sua totalidade.

O PRINCÍPIO DO FUTEBOL E COMEÇO DE UMA NARRATIVA EM PROL DA BRASILIDADE EM “O NEGRO NO FOOTBAL BRASILEIRO”

A priori vale-se destacar o conceito de brasilidade. Segundo Darcy Ribeiro, essa concepção “surge a partir do momento em que os descendentes do continente africano que aqui estavam, [...] passam a propagar o português como língua e também a ser associados como ‘o brasileiro’”. (RIBEIRO. 2015, p. 99) No recorte temporal dessa pesquisa, pode se entender a brasilidade enquanto incorporação progressiva da multietnicidade, em que ocorre a assimilação e modificação de uma cultura pré-migratória em contato com outra, tonando o conceito fluido e historicamente mutável.

Mario Filho inicia sua construção narrativa no capítulo *Raízes do Saudosismo*, lembrando o futebol do passado nas seguintes palavras:

De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudista sempre branco, nunca preto, dava para



desconfiar. E depois a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. (FILHO. 1947, p.3)

Mário Filho, em seu texto, arquiteta uma imagem de que o futebol, no passado, era jogado apenas por jogadores brancos e preferencialmente de famílias com boa posição social. Sua afirmação realmente se verifica, o futebol foi uma prática difundida primeiro entre as elites, e a presença de jogadores negros no cenário que o autor estuda realmente é a exceção.

O artigo escrito por MASCARENHAS (1998) explica a chegada do futebol no Brasil e descreve o contexto do qual Mario Filho se refere em Raízes do Saudosismo. O autor narra sobre a construção do Fluminense futebol Clube, observe:

El Fluminense Football Club es fundado en 1902, siendo el primer club carioca específicamente creado para la práctica del fútbol. Se trata de una asociación deportiva altamente clasista, compuesta y financiada por miembros de poderosas familias, entre las cuales se destaca especialmente la familia Guinle, no sólo por las obras materiales esenciales en el club, sino sobre todo por la fortuna que le valía la condición de uno de los dos apellidos más ilustres de la belle époque carioca. (MASCARENHAS, 1998)

Reitero que Filho escreve sobre a realidade do futebol carioca e afirma que, em outras localidades, a história pode ter ocorrido de formas diversas, porém, em seu texto não há documentação que sustente tal afirmação. No entanto, o debate sobre a documentação utilizada pelo autor não é foco deste trabalho. Esta pesquisa concentra em sua obra O negro no Football Brasileiro, especificamente nas partes em que a construção de seu discurso, no que toca as relações raciais e a ideia de identidade nacional, estão evidentes.

Dizer que os saudosistas só podiam ser brancos é enunciar que não havia negros na prática futebolística no seu princípio. Mais do que isso, tal afirmação antecipa a ideia de que, ao passar do tempo, com a inserção dos atletas negros, a realidade das relações raciais no futebol brasileiro se alterariam, configurando certa harmonia. A escrita de Mário Filho, quando o autor fala sobre o futebol brasileiro, não está representando apenas os atletas, mas de forma indireta se refere à sociedade de modo geral. Esse olhar é fundamental para a compreensão do livro *NFB*.

Ao propor realizar análises de enunciados, é preciso ter em mente que esse processo não ocorre, como orienta Foucault (1995), de maneira exaustiva. De fato, é uma forma de analisar criticamente como certos enunciados justapõem a variedade de formas de dizer sobre um evento ocorrido, ou seja, a atividade não almeja ser global, no sentido



de exaurir todas as possibilidades da linguagem daquilo que foi dito. Corresponde, na verdade, mais ao que está abstraído do que o que está colocado. A esse respeito, aponta Foucault:

Pondo em jogo o enunciado frente à frase ou à proposição, não se tenta reencontrar uma totalidade perdida, nem ressuscitar [...] a riqueza do verbo, a unidade profunda do Logos. A análise dos enunciados corresponde a um nível específico de descrição. (FOUCAULT. 1995, p. 122)

A narrativa de Filho sobre os primeiros anos do futebol apresenta alguns casos de jogadores negros, as exceções que confirmam a regra. Primeiro o caso do *The Bangu Athletic Club*, o time que foi fundado em 1904 e que primeiro aceitou jogadores negros na história do futebol. Trata-se de um time formado pela Fábrica Bangu, inglesa, que compunha a indústria têxtil.⁸ Segundo Mário Filho, Francisco Carregal seria o primeiro atleta negro a jogar pelo time. O jogador, que era filho de uma brasileira negra e de um português, ocupou lugar de único atleta negro até a chegada de Manuel Maia. Ao dizer sobre a impossibilidade de atletas negros jogarem pelo Fluminense, o autor se refere: “Por isso não havia perigo que um Francisco Carregal, apesar de mulato limpo, ou um Manuel Maia, apesar de bom preto, respeitador, entrasse no Fluminense” (FILHO. 1947, p.10)

É comum, no discurso de Mário Filho, o tipo de representação que coloca o sujeito negro na condição de “bom preto”, destacando qualidades consideradas positivas, como as descritas acima. Algumas páginas depois, quando o autor fala sobre o caso de Carlos Alberto, jogador do Fluminense que utilizou pó de arroz, também aparece o mesmo modo de representação. Observe-se o seguinte enunciado: “a torcida do Fluminense procurava esquecer-se de que Carlos Alberto era mulato. Um bom rapaz, muito fino” (FILHO. 1947, p.43). Ainda sobre o atleta Carlos Alberto, escreve:

O pai tinha alguma coisa arranjada, batendo fotografias de formaturas. As turmas que formavam, todos os anos, preferiam as fotografias de Carlos Alerto, pai. Assim o filho entrara nas boas rodas. Sabia cativar, com aquela macieza de mulato, aquela delicadeza quase de moça não precisava encher o rosto de pó de arroz. (FILHO. 1947, p.43)

Uma possível compreensão acerca da publicação do livro *NFB*, é que ele pode ser entendido, em âmbito geral, como uma tentativa de produção do ser negro, ora

⁸ Para saber mais sobre a fundação do Bangu Atlético Clube, ver: **História**. Disponível em: <<https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/>>. Acessado em: 02 de jan. de 2022.



representada de forma positiva, ora representada a partir de imagens negativas. O texto de Mário Filho, a partir da trajetória dos jogadores negros, apresenta como a ascensão e integração destes aos principais times de futebol e a seleção brasileira significaram conquistas, como o time do Vasco em 1923 e da seleção brasileira de 1938, que tiveram certo sucesso a partir de contribuições de jogadores negros.

A definição de Carlos Alberto como um sujeito provido de uma ‘macieza de mulato’ é, em minha compreensão, o que Schwarcz (1998) apresenta no surgimento da personalidade do malandro brasileiro, “personagem caracterizado por uma simpatia contagiante, o malandro representava a recusa ao trabalho [...] para garantia de boa sobrevivência” (SCHWARCZ, 1998, p. 198). Do mesmo modo que Gilberto Freyre representa os sujeitos mestiços como malandros, a prática discursiva de Filho se apropria dessa mentalidade recorrente no período da década de 1930 e 1940. A esse respeito o sociólogo afirma:

[...] Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. (FREYRE, 1947, s/p)

Compreendo também que o discurso de Mário Filho está nutrido da intenção de criar uma imagem sobre o sujeito negro que está sendo integrado à sociedade brasileira, um povo com uma elite que precisava se enxergar enquanto democrática, e superando as diferenças raciais, estariam seguindo nessa direção. Por isso, a narrativa de Filho insere o sujeito negro como um bom rapaz, que vai se destacando e superando as adversidades, ao mesmo tempo que a elite, branca, ao enxergar a habilidade dos atletas negros, começava a aceitar estes em seus clubes.

Mesmo mostrando a presença de alguns jogadores negros em times da elite carioca, a narrativa do livro ressalta que também houve resistência dos clubes e de suas torcidas, a exemplo o caso do jogador Manteiga, que teve sua contratação contestada pelos sócios do clube América, protestando que, caso este permanecesse no time, jamais poderiam continuar americanos. (FILHO, 1947, p. 55) De modo geral, o texto vai construindo a ideia de que por meio do futebol, o Brasil torna-se democrático racialmente. Em outra passagem, aponta para essa compreensão do futebol como campo de transformação das relações raciais:



A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato de ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que de ele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classe, tudo misturado, bem brasileiro. (FILHO, 1947, p. 55)

Filho também diz que “o chute de Friedenreich abriu o caminho para a democratização do futebol brasileiro. Democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo” (FILHO, 1947, p. 54) Ao apontar que, aos poucos, o Brasil tornava-se democrático e que o futebol seria um fenômeno de todas as cores, o autor dialoga com Freyre no entendimento de que o sentido da democratização produziria um país harmônico racialmente. Feito que se tornara possível a partir da efetivação da brasilidade em nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol foi utilizado como meio para um fim, pois a partir dele há uma tentativa de contribuir para a construção de uma ideia de harmonia na sociedade brasileira, os escritos de Mário Filho caminham nessa direção. Isso também pode ser observado ao comparar o selecionado brasileiro antes da Copa do Mundo de 1938 de um lado, o qual era majoritariamente composto por jogadores brancos, marcando o elitismo da equipe ao apresentar uma seleção que se distanciava de grande parte da população brasileira – marcadamente preta e parda; com a Copa do Mundo da França do outro, a primeira competição em que o time era completamente mestiço, composto por vários jogadores negros. Essa nova composição do time, com a entrada de atletas como Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, criou uma roupagem mais popular, característica que foi usada para corroborar com a ideia de um Brasil representado racialmente de acordo com as características de seu povo e unidos com um sentimento de nação através da seleção.

Após a competição [copa do mundo de 1938], firmaram diversas representações de futebol e de identidade nacional que perduraram até os dias de hoje: “futebol-arte”, “pátria em chuteiras”, “Brasil, país do futebol” e outros. O Estado esteve presente nesta construção, mas não somente o Estado. A imprensa esportiva também desempenhou um importante papel. Mas o quadro não estaria completo se não contássemos com a participação das pessoas humildes, do simples torcedor, dos trabalhadores em geral, que tinham concepções diversas sobre nação e identidade nacional, mas, nem por isso menos importantes. (SOUZA. 2008, p.18)

Durante o contexto da publicação do livro NFB – os anos 1940 – para além de combater as ideias eugênicas que ainda circulavam no país, foi criado um projeto político



em que a identidade nacional foi difundida a partir de uma movimentação, a qual pode ser entendida, entre outras coisas, como um processo de desafricanização. Traços da cultura africana, como o samba, a capoeira e a feijoada foram apropriadas para criar uma identidade brasileira plural, que abrangesse uma quantidade maior da população. Em meio a esses elementos culturais, o futebol também é envolvido pela política varguista e passa a ser marca da brasilidade que se desenvolveu a partir do sucesso de jogadores negros, como vimos no decorrer dos enunciados selecionados do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*.

Desse modo, ao trabalhar com enunciados de Filho (1947), observo que, ao afirmar que a cultura africana se desenvolve e contribui para que o Brasil tenha um futebol legítimo (futebol mulato), o autor atribui ao sujeito mestiço manifestações da cultura considerada “verdadeiramente brasileira”. Pode-se entender esse movimento como um processo que retira elementos culturais do povo africano e sua personificação enquanto símbolo da brasilidade.

A argumentação de que a cultura africana teve certo papel chave no processo de integração da identidade nacional me leva à reflexão feita por Abdias do Nascimento, quando o autor diz que essa ideia

parte da presunção inicial de que “cultura brasileira” é, de certo modo, uma entidade a parte da cultura africana, e que esta se impôs sobre uma que lhe era anterior; isto posto supõe que a cultura africana não constituía uma parte integral do Brasil desde sua própria fundação. (NASCIMENTO, 1978, p. 99)

Por fim, é possível constatar que a narrativa criada por Mário Filho para descrever a trajetória dos jogadores negros no futebol brasileiro teve forte adesão à matriz criada pelo sociólogo Gilberto Freyre, que apareceu, ao longo da pesquisa, com forte influência no meio intelectual nas décadas de 1930, 1940, 1950. Para confirmar a adesão de Filho, basta comparar o livro ao texto *Foot-ball Mulato* (1938), e fica evidente como ideias desenvolvidas por Gilberto Freyre estão no livro de Filho. Ideias como as de que o Brasil teria desenvolvido um jeito único de jogar futebol, fruto da brasilidade. Compõem a narrativa do autor, ideias de que, no futebol, à medida que os grandes clubes integrassem os jogadores negros, este esporte caminharia rumo à democratização, e que a presença destes jogadores faria com que o futebol, tanto em seus clubes, mas, sobretudo na seleção brasileira, tornaria mais legítimo e mais abasileirado. É a partir daí que nasce o mito de que o Brasil tem um jeito próprio de jogar futebol, responsável pelas habilidades de



jogadores negros. Essa narrativa contribuiu para propagandear o sentimento de nacionalidade, tão fomentado por Getúlio Vargas e suas políticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CASTRO, Ruy. O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COUTO, André A. G. Vargas Neto e suas crônicas: a imprensa esportiva para além de Mário Filho. Ludopédio, 29 de maio de 2012. Seção Literatura. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/vargas-neto-esuas-cronicas-a-imprensa-esportiva-para-alem-de-mario-filho/>>. Acesso em: 04 de abr. de 2021

COUTO, André Alexandre Guimarães. A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. 202 f. Dissertação (História Social) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4026972.pdf>> Acesso em: 05 de jun. De 2021.

GOMES, Ângela de Castro. “Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954/1093>>. Acesso em: 03 de jan. de 2022.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro. Esporte e Sociedade, Ano 9, n. 23, 2014, p. 1-23.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.



LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada – A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. Revista USP, Dossiê Futebol, n. 22, 1994.

MEINICKE, Thaís. Imprensa esportiva carioca: surgimento, modernizações e segmentação. Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, p. 1-15, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Jornal dos Sports. Festas para os Atletas, p. 3, 27 de abr. de 1945. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_01&pasta=ano%20194&pesq=racismo>. Acessado em 12 de jan. de 2022.

PAIM, Paulo. Salário Mínimo uma história de luta. SENADO FEDERAL, 2005.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RODRIGUES FILHO, Mario. O Negro no Foot-ball Brasileiro. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

SOARES, Antônio Jorge. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. p. 1-19, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100920010258/9PII-Soares.pdf>> Acessado em 19 de dez. de 2021

SOUZA, Denaldo Alchorne de. O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008, 221 p.

TONET, Vinicius Garzon. Correção histórica: Mario Filho, “O negro no foot-ball brasileiro” e a quantidade de exemplares em circulação em 1947. Ludopédio, São Paulo, v. 117, n. 22, 2019. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/correcao-historica-mario-filho-o-negro->



[no-foot-ball-brasileiro-e-a-quantidade-de-exemplares-em-circulacao-em-1947/>](#);

Acessado em: 23 de nov. de 2021.